

Do Tracajá ao Miojo – a Alimentação enquanto Dimensão da Vida no Cerrado

From Tracajá to Instant Noodles: Food as a Dimension of Life in the Cerrado (Brazil)

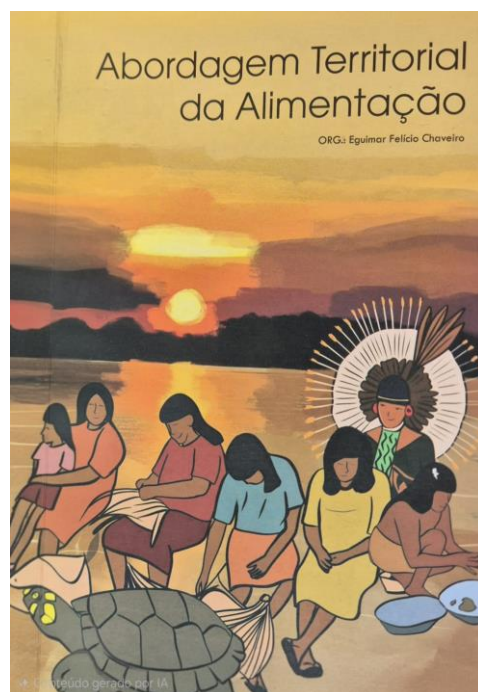
Luan do Carmo da Silva¹

 <https://orcid.org/0000-0002-4895-3914>

Resenha

CHAVEIRO, Eguimar Felício (org.). **Abordagem territorial da alimentação**. Goiânia: Kelps, 2025. 232 p.

Um espetáculo de horrores! A cena: dois Karajá aguardam três minutos próximo a área de preparo dos alimentos. Não é tracajá, mandioca ou milho. Trata-se figurativamente do preparo de um macarrão instantâneo comprado em uma mercearia da cidade de Aruanã-GO após exaustiva jornada de trabalho em um subemprego qualquer adquirido nas imediações da aldeia. Por que isso acontece? Poulain (2013) fala de um forte processo de ocidentalização da alimentação dos diferentes povos do mundo. No entanto, o cenário é mais drástico. A modernização do Cerrado e o uso das áreas à montante do Rio Araguaia pela monocultura exportadora e à jusante pela pecuária extensiva, têm modificado significativamente o modo como povos tradicionais lidam com as águas e com o alimento que outrora ali era adquirido. O assoreamento e o envenenamento das águas, bem como a valorização das terras vizinhas ao curso d'água pressionam ribeirinhos, indígenas e demais povos tradicionais que vivem próximos ao rio a modificar seus hábitos alimentares e culturais. O rio já não corresponde às necessidades primeiras desses grupos, agora sua função é comercial. Apesar de fictícia a situação descrita, o livro ora resenhado descreve momentos/vivências semelhantes. É a partir desse cenário que este texto foi construído.



¹ Mestre em Geografia, Docente do Instituto Federal de Brasília, luan.silva@ifb.edu.br.

A alimentação é um tema que tem perpassado diferentes áreas do conhecimento e, consequentemente, recebido múltiplos enfoques. Por meio da Geografia, tem-se que as escalas para pensar essa discussão se mostram diversas e assim permitem olhares complementares, dialógicos e por vezes contraditórios acerca de como, o quê, porque e quando comemos aquilo que comemos.

O que está posto à mesa é uma escolha ou imposição? Quem está por trás dessa definição? Quais agentes e segmentos sociais atravessam a maneira como os diferentes grupos humanos se alimentam? Como explicar a manutenção de significativos índices de insegurança alimentar na atual quadra histórica caracterizada por sucessivos recordes de produção agropecuária? Essas são questões que continuamente têm se apresentado no âmbito do debate acerca da alimentação.

A obra organizada por Chaveiro aglutina pesquisas realizadas no âmbito do grupo de estudo e pesquisa “Espaço, Sujeito e Existência (Dona Alzira)”, sendo parte destes materiais oriundos do projeto “A produção e alimentos saudáveis no Cerrado goiano: propostas para a soberania alimentar dos povos Karajá – Aruanã – GO” financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). São nove capítulos interdependentes e com significativos avanços em relação ao tema.

De modo geral tem-se o Cerrado como a principal escala de análise. Para tanto, os autores dos capítulos, de maneira competente, abordam as contradições e dualidades evidenciadas na produção de alimentos vinculada desde a dinâmica das águas do bioma até a produção em larga escala de grãos e carnes realizadas nos topos de chapadas e chapadões presentes neste recorte territorial. A premissa é de que o Cerrado goiano atualmente “produz menos alimentos da cesta alimentar do povo goiano e brasileiro na mesma medida que aumenta o uso do solo na produção de soja e derivados endereçados à exportação” (Chaveiro, 2024, p. 2-3).

O enfoque analítico da obra versa sobre o direito à vida numa perspectiva geográfica. Desse modo são investigadas práticas alimentares indígenas e de outros povos tradicionais em contraponto ao modo como o Cerrado tem sido alçado a função de celeiro do mundo no que diz respeito à produção de *commodities* (Capítulos 1 e 2). Os autores identificam que enquanto o lucro gerado pelas monoculturas está restrito às mãos de um número reduzido de empresários do agronegócio, a fome e os demais prejuízos instalados no território do Cerrado são amplamente socializados entre os mais vulneráveis.

Apesar de se voltar para a análise do quadro da alimentação, nota-se que a discussão tem um segundo horizonte investigativo – a fome. Ao escrever sobre esse tema, Castro (2022, p. 23) afirma que o método geográfico “permite estudar o problema em sua realidade total, sem arrebentar-lhe as raízes que o ligam subterraneamente a inúmeras outras manifestações econômicas e sociais da vida dos povos”. É nessa perspectiva que os autores da obra lançam mão de princípios e categorias geográficas no afã de notabilizar práticas alimentares presentes ou propiciadas pelas especificidades do bioma Cerrado.

Diferentemente de Cascudo (1967, p. 2) que, se propôs a escrever juntamente com Castro acerca desse par contraditório (alimentação e fome) e que reconhece que: “não daria certo. Josué pesquisava a

fome e eu a comida. Interessavam-lhe os carecentes e eu os alimentados”, Chaveiro e demais autores criam trilhas pertinentes e coerentes para visualizar ambos os lados da discussão. Ao se ancorar em práticas e regimes alimentares de populações tradicionais, os capítulos demarcam que a reconfiguração do Cerrado em prol da reprodução privada do capital tem minado o modo como indígenas (destaque para os povos Karajá de Aruanã-GO e Kisêdjê de Querência-MT) buscam garantir a manutenção e reprodução da vida em suas aldeias.

As práticas alimentares desses povos têm relação direta com as dinâmicas do território do Cerrado, desse modo, ao ser ressignificado e incorporado em uma agenda econômica global, o bioma não consegue atender às suas demandas. Dessa maneira, esses povos, se vêm obrigados a interconectar suas vidas com as práticas socioespaciais urbanas, fomentando assim, o nutrídio ocasionado especialmente pela incorporação de alimentos ultraprocessados na dieta cotidiana. Essa entrada massiva e violenta de itens ultraprocessados em detrimento de alimentos oriundos do funcionamento natural do bioma é chamada pelos autores de miojização do alimento/da alimentação.

Por vezes os capítulos amparam-se em dados coletados a partir de trabalhos de campo. O campo realizado pelos autores do segundo capítulo ratifica o modo de sufocamento que os Karajá de Aruanã têm vivido frente ao turismo de lazer de sol, pesca e praia e criação de gado; já os trabalhos de campo do quarto capítulo indicam que a miojização do alimento e da alimentação transborda fronteiras nacionais e se faz presente em países como Moçambique e outros, bem como a intensificação da fome se faz presente em áreas de economia planificada, mas fortemente afetadas pelo capitalismo, como é o caso de Cuba. Esse formato complexo de pensar a alimentação e a fome sob a dimensão territorial pode ser explicada pelos escritos de McMichael (2016, p. 23), para quem o atual regime alimentar de escala global, “[...] altera as relações ecológicas: substituindo processos extrativos locais por processos extrativos mundiais, assim obstruindo futuros locais em prol de um futuro capitalista impulsionado por um mercado variável e instável, em vez de necessidades socioecológicas duradouras”.

O retrospecto histórico problematizado no terceiro capítulo, por sua vez, aponta para a persistência da ausência de alimentos para a humanidade ao longo de diferentes momentos da história. Por meio da análise de dados secundários, reconhece que no contexto contemporâneo, a fome não é oriunda da escassez de alimento, mas do modo eleito pela sociedade para se obter os itens alimentícios – a troca capitalista. Ratifica-se neste capítulo, por meio de dados e outros levantamentos, o que os demais textos demarcam continuamente – ao se tornar um produto de troca comercial, o alimento se apresenta com limitado acesso a grande parte da população mundial, incluindo, aquelas pessoas que vivem em áreas que recebem destaque pela produção agropecuária, como é o caso do Cerrado.

Dado a diversidade de olhares acerca da alimentação, o livro garante a possibilidade de recorrer à literatura regional para pensar as práticas alimentares realizadas no Cerrado goiano. Nesse caso, no capítulo cinco, dois contos de Bernardo Élis são analisados. Busca-se entender a alimentação e os processos sociais subjacentes utilizando como referência socioespacial a fazenda-roça goiana. Já no

capítulo nove, três crônicas que versam sobre agroecologia são alvo de análise e interpretação. A ideia presente neste último texto é repensar os processos de escrita acadêmica acerca de determinados temas, apresentando as práticas agroecológicas como contraponto ao modo industrial como o Cerrado tem sido explorado nas últimas décadas.

De outra parte, no capítulo sete, recorre-se também a uma escrita poética e firme acerca de como o trabalhador participa do banquete da fome que devasta territórios, marginaliza povos e reafirma a concentração de poder. O material trazido neste capítulo pode ser analisado sob a ótica do levantamento realizado por Ribeiro Jr. e colaboradores (2021) sobre a disponibilidade/ausência de alimentos na mesa da população brasileira.

O oitavo capítulo retoma a discussão da alimentação dos povos Karajá, mas agora sob a dimensão sociobiodiversidade. Os impactos do agronegócio que opera na escala global são sentidos na escala regional pela mudança do regime das águas, o que impacta na escala local de vida dos Karajá. O texto indica o aumento de casos de alcoolismo, prostituição e doenças entre os indígenas como consequências da modernização e tecnificação das áreas de Cerrado. Segundo os autores, o rio Araguaia, principal fornecedor de alimentos dos Karajá tem sido continuamente substituído pelos supermercados que vendem itens alimentícios ricos em gordura, sódio e açúcares e pouco vinculados à dieta local. Essa perspectiva, dialoga com as premissas apresentadas por Chaveiro (2024, p. 2) sobre como “a comida e a alimentação contam a história de um povo; de um lugar; de uma cultura – de um tempo histórico determinado espacial e territorialmente”.

A obra é um convite à reflexão de como pensar geograficamente o alimento e a alimentação e de como tensionar determinados debates tendo como horizonte essa dimensão que é fisiológica, mas também cultural (Almeida, 2017) e que ao longo do tempo tem sido ressignificada sob a lógica de mercado (Silva, 2020). Os capítulos do livro se entrelaçam de modo a gerar um rico mosaico analítico sobre o Cerrado e o modo de apropriação deste bioma.

Referências

ALMEIDA, Maria Geralda de. Para além das crenças sobre alimentos, comidas e sabores da natureza. **Mercator**, v. 16, p. 1-13, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mercator/a/fWy6NkfJLCgLTkk7q3r3fCj/?lang=pt> Acesso em: 17 set. 2025.

CASCUDO, Luís da Câmara. **História da alimentação no Brasil** – cardápio indígena, dieta africana, ementa portuguesa. v. 1. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967. 401 p. Disponível em: <https://bdor.sibi.ufrj.br/bitstream/doc/370/1/323%20PDF%20-%20OCR%20-%20RED.pdf> Acesso em: 13 nov. 2025.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome** – o dilema brasileiro: pão ou aço. São Paulo: Todavia, 2022. 394 p.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. Pamonhas epistemológicas - notas sobre a leitura geográfica da alimentação. **Revista sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais**, v. 13, p. 1-11, 2024.

Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/article/view/14601> Acesso em: 13 nov. 2025.

MCMICHAEL, Philip. **Regimes alimentares e questões agrárias**. Trad.: MIDORI, S. Estudos camponeses e mudança agrária. 1. ed. São Paulo; Porto Alegre: Editora Unesp; Editora da UFRGS, 2016. 256 p.

POULAIN, J. P. **Sociologias da alimentação**: os comedores e o espaço social alimentar. Trad.: PROENÇA, R. P. C.; RIAL, C. S.; CONTE, J. 2. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013. 286 p.

RIBEIRO JR., José R. S. et all. **Atlas das situações alimentares no Brasil – A disponibilidade domiciliar de alimentos e a fome no Brasil contemporâneo**. Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 2021. 120 p. Disponível em: <https://ifz.org.br/download/6995/?tmstv=1699348913&v=6996> Acesso em: 13 nov. 2025.

SILVA, Luan do Carmo da. Questões socioespaciais da produção de alimentos. In: Tatiana Rotolo; Thiago de Faria e Silva; Sônia Cristina Hamid; Luan do Carmo da Silva; Giuliane da Silva Pimentel. (Org.). **Laboratório de cultura e história da alimentação**: práticas de educação e pesquisa. 1ed.Brasília: Editora IFB, 2020, v. 1, p. 227-258. Disponível em: <https://editora.ifb.edu.br/documents/175/126-60-PB.pdf> Acesso em: 13 nov. 2025.



Este artigo está disponível em acesso aberto sob a Licença Creative Commons Attribution, permitindo uso ilimitado, distribuição e reprodução em qualquer formato, desde que a obra original seja devidamente creditada.